



DESLOCAMENTOS E CIRCULAÇÕES NAS CIDADES: A HISTORIA DOS DESLOCAMENTOS MODERNOS E DA MOBILIDADE E CIRCULAÇÃO ABERTA NA CONTEMPORANEIDADE

João Maia.¹

A história do deslocamento marca a sociedade moderna. Movimento, velocidade e rapidez. Todos os produtos da nossa cultura fragmentada atual são produzidas e reproduzidas como elogio à mobilidade. Imaginário de conquistas espaciais e territoriais. Em todos os domínios da vida cotidiana hoje, na contemporaneidade, mais do que nunca, inventamos novos “espaços” e esvaziamos outros “lugares”. Os sentidos dos espaços estão sendo redimensionados. As cidades modernas foram palcos para encontros com desconhecidos, começávamos a inventar modos de nos relacionar com os indivíduos que também estavam circulando. Tínhamos a sociabilidade ordenando o nosso modo de nos deslocar por espaços públicos. Hoje os deslocamentos realizados em espaços esvaziados de sentido nos impõem novos modos de interação. Podemos nos isolar em nossos condomínios fechados, onde a circulação é limitada e contida ou nos entregarmos às novas comunidades efêmeras, na circulação aberta e fragmentada das ruas da cidade contemporânea.

As lendas, os contos, as literaturas, os filmes, os DVD's, os cd-room, as novelas em canais abertos de televisão sempre nos recordam da nossa necessidade de mobilidade, mudança, circulação e viagem. Apenas para citar um exemplo bem conhecido recorro aos contos do “Mil e uma noites”. Existiam códigos e regras especiais para um visitante se aproximar de uma cidade. Os homens que viajavam de uma comunidade a uma outra possuíam rituais de aproximação. Nós, homens, somos nômades, estrangeiros respeitando regras de convívio. Algumas portas, de certas cidades, podiam se fechar diante do estrangeiro ou pontes se erguiam para ligar comunidades. A questão se concentra na sociabilidade. Na fecundidade da relação comunicacional está o contato que provoca deslocamentos constantes. Os modos de vida vão se transformando de acordo com o uso que fazemos dos nossos espaços.

¹ João Maia. Professor adjunto da Faculdade de Comunicação da UERJ e pós-doutorando do PACC.ECO.UJRJ
1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



A “máquina de visão”² está o tempo todo atrás da gente na cidade contemporânea. Um simples dizer obrigado a uma máquina que fala comigo no elevador comercial de um prédio denuncia a maneira como eu uso o espaço público, o espaço cível. Assim eu circulo como circuito interno na cidade. Estou me relacionando, sendo civilizado, com vozes eletrônicas de computadores. Onde foi parar o ascensorista? Com certeza ele está sentado, imóvel, diante de uma tela de televisão nos olhando dentro do subir e descer das nossas relações, dos encontros fortuitos e, por vezes, engraçados. O elevador anuncia com sua voz feminina e simpática: “Quarto andar”. Respondo automaticamente: obrigado! Não perco o humor e continuo a peregrinação pela minha cidade.

Estou totalmente livre para circular, pois podemos constatar facilmente que a indústria de segurança vem aumentando de maneira vertiginosa. É só passear pela cidade e sempre nos deparamos com um mecanismo de segurança qualquer. Homens armados, câmeras que nos sugerem dar o mais belo sorriso e a porta giratória do banco que sempre alerta que estamos carregando algo, talvez, suspeito. Abrimos os jornais e nos deparamos com os poderosos homens do estado discutindo praticamente às tapas a segurança do Rio de Janeiro. Bom, se você está com vontade de ler esse jornal na pracinha do teu bairro não esqueça da possibilidade de uma bala perdida te encontrar. Parece-nos que quanto mais surgem promessas de segurança, menor ou complicada é a nossa possibilidade de circulação na cidade. Além desse espetáculo de notícias jornalísticas constatamos que o que era de responsabilidade do Governo na modernidade está sendo atributo de empresas privadas. Acredito, tendo a práxis como prova, que não podemos mais chamar o nosso tempo simplesmente de Moderno. Algo está mudando. As seguranças do direito do cidadão circular, de ir e vir, não estão mais garantidas pelas instituições do Estado. Como falar em coesão social e sociabilidade em lugares públicos no Rio de Janeiro?

A pergunta chave é: como compartilhar a vida pública? Sabemos que a vida urbana moderna foi tão plural, com culturas diversas circulando velozmente, que é só com muita paciência que podíamos conviver com os nossos vizinhos. Dessa forma desenvolvemos um grupo de habilidades que Richard Sennet³ listou como “civilidade”. Norbert Elias já tinha dado pistas de como conviver na cidade no seu livro “O processo civilizador”. Os autores

²Termo emprestado de Paul Virilio

³Richard Sennet. O Declínio do homem público.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

mostraram como a modernidade nos ensinou a se apropriar do espaço público. A cidade tão cuidada, estudada e planejada pela modernidade tinha o espaço urbano como cível. O espaço era para o exercício da civilidade.

A nossa história de circulação pode ser contada a partir do trabalho do cientista William Harvey que no século XVII revelou ao mundo um novo corpo humano. Descobrimos que tínhamos artérias e veias por onde circulava o sangue. Esse modelo do fluxo do sangue vai penetrar várias áreas da sociedade moderna que estava nascendo. A partir desse momento podemos assistir o indivíduo moderno circulando pelas cidades, que estavam sendo formadas a partir desse modelo de fluxos e circulações. No corpo humano circulava o sangue e na cidade esse corpo precisava de novos espaços de mobilidade, de circulação.

Como nos mostra Richard Sennet⁴ *“a revolução de Harvey favoreceu mudanças de expectativas e planos urbanísticos em todo o mundo. (...) No Iluminismo do século XVIII, elas [as idéias de Harvey] começaram a ser aplicadas aos centros urbanos. Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável.”*

A cidade de Paris no século XVIII já começava a ser compreendida como cidade-organismo e possuía pulmões. A Praça Luís XV (hoje “Concorde”), cheia de árvores, era o lugar aonde os indivíduos deambulavam para respirar livremente e ter “uma experiência sociável”. As políticas públicas seguiam esse imaginário de circulação higienizando os espaços públicos e palavras como “artéria” e “veia” entraram no vocabulário urbano desse século. Porém, contrariamente à toda a política modernizante de fluxos controlados e planejados em todos os sentidos da sociedade, existia a plebe nas ruas que circulava de maneira ainda descontrolada e com uma sociabilidade muito própria.

O novo corpo social moderno, que se apresentava cientificamente, encontrava resistências em sua efetivação no cotidiano das ruas. Com Arlette Farge⁵ podemos refletir sobre a sociabilidade nas ruas do século XVIII. Os projetos que iriam transformar os espaços de circulação pública esbarravam na efervescência das ruas de Paris.”*Na realidade a rua*

⁴ Richard Sennet. *Carne e Pedra*. P. 214.

⁵ Arlette Farge. *Vivre dans la rue à Paris au XVIII^{ème} siècle*. Passim.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



movimentada e complexa é um espaço que escapa a qualquer definição, uma realidade esquiva na medida que acreditamos compreendê-la.”⁶

A rua parisiense, para a autora, é o espaço em movimento, do movimento próprio da instabilidade das pessoas que estavam circulando. A rua era barulhenta, animada, com pessoas apressadas e “badaus”. Tínhamos o teatro de rua e os ambulantes aos berros vendendo ervas, leite, frutas, enfim, um pouco de tudo. As carroças são descritas, através de interessantes documentos da época, como sendo inúmeras e completamente destruídas, com cocheiros brutais gritando ao mesmo tempo em que os seus chicotes ressonavam de maneira extrema. Arlette Farge nos mostra as ruas de Paris do século XVIII a partir de uma sociabilidade multiforme, plural e que contraditoriamente era alegre e assustadora.

“Muita vida, mal canalizada, dá medo. Será necessário que a ordem urbana reine se não quisermos mais ter medo de sair a noite. Será necessário ter o tempo para regular o fluxo, ajustar o espaço para que ele seja praticável. É necessário retirar da ruas aqueles que não possuem grande coisa.”⁷

Voltando ao Richard Sennett podemos ver que os revolucionários franceses deram um novo sentido a cidade. No espaço, agora coletivo, a locomoção e a fluidez do corpo humano se colocam na imagem de Marianne. O emblema revolucionário de Marianne, com seus seios à mostra, prometia alimento para seus filhos. Era um Estado que não deixaria o cidadão desamparado por dever patriótico.

“Subjacentes a todas essas reflexões está a imagem do corpo de um novo cidadão, cheio de fluído transbordante. Nele, o leite substituiu o sangue do imaginário de Harvey, a lactação ocupou o lugar da respiração – mas o movimento e a circulação (inteiramente saciada) permaneceram livres e vitais. Marianne precisava do mesmo espaço para mover-se que o indivíduo de Harvey”⁸

⁶ Idem. No original: “En fait la rue, mouvante et complexe, est un espace qui échappe à toute définition, une réalité qui s’esquive à mesure qu’on croit l’appréhender.”. p. 19.

⁷ Idem. No original: “Trop de vie, mal canalisée, fait peur. Il faudra bien que l’ordre urbain règne si l’on veut plus craindre de sortir le soir. Il faudra prendre le temps de réguler le flux, d’assainir l’espace pour qu’il soit praticable. Il faudra retirer la rue à ceux qui déjà n’ont pas grand-chose.”p.21.

⁸ Richard Sennett. Carne e pedra. P. 240.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



A Praça Luís XV, que foi idealizada para o indivíduo passear confortavelmente por árvores frondosas e refrescantes, agora se torna Praça da Revolução. Foi liberada para a circulação dos corpos coletivos, o olhar era da mais ampla liberdade e assim pavimentaram os jardins. Sennett nos lembra que esses espaços vazios preparados para a liberdade que foram construídos em Paris para seus eventos públicos pacificaram o corpo revolucionário.

A Revolução realmente transformou a vida nas cidades. Fica evidente a circulação de idéias nesse momento de efervescência política. A circulação de jornais é marcante e a imprensa se torna instrutora de opiniões. Com Guy Chaussinand-Nogaret⁹ podemos constatar que a imprensa parisiense inunda a França. Um jornal extremista como o “Père Duchesne d’Hebert, porta-voz dos “sans-culottes” que era também difundido na burguesia custava dois “sous”. Porém, com todas as revoltas e efervescência da época a liberdade de imprensa fica suspensa por um período. Os jornais revolucionários, como órgãos oficiais, não abarcam toda a população urbana. Os preços são elevados e analfabetismo é claramente um obstáculo, somente nos “cafés”, nos “clubes”, nas “sociedades populares” existiam leituras públicas que asseguravam a difusão das idéias jornalísticas. É importante observar que *“livre ou diretamente sobre vigilância, organismo de informação ou instrumento de propaganda, a imprensa revolucionária abriu para a França urbana – a França rural era menos tocada – horizontes que alargaram e modelaram certas formas de sensibilidade...”*¹⁰

Era dentro dos “clubes”, uma nova forma de sociabilidade urbana, que os cidadãos se encontravam e as idéias circulavam em novas formas de sensibilidade. Nessa época em cada bairro de Paris se formavam as sociedades populares. Inicialmente eram clubes inofensivos que vão criando força e se tornam grupos de pressão e força. Esses “clubes” eram dominados pelos “montagnards” que através de petições exerciam um controle informal sobre as autoridades. Podemos ver que existe, assim, a partir do século XVIII, uma conversa estreita entre o poder estabelecido e pequenas comunidades construídas no apelo popular, por paixões compartilhadas. Vemos, nesse momento novas conformações se estabelecerem na cidade a partir da interação espontânea dos cidadãos. Uma sociabilidade revolucionária aparece.

⁹ Guy Chaussinand-Nogaret. La ville jacobine et balzacienne. In: La ville des temps modernes; de la Renaissance aux Révolutions. (sous la direction d’Emmanuel Le Roy Ladurie.

¹⁰ Idem. No original: “Libre, ou étroitement surveillée, organe d’information ou instrument de propagande, la presse révolutionnaire a ouvert à la France urbaine – la France rurale étant moins et très inégalement touchée- des horizons qui élargirent et façonnèrent certaines formes de sensibilité...”

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



A cidade no século XIX é um ser social. Os desenvolvimentos técnicos e científicos se colocam de maneira definitiva no mundo moderno. A cidade é conceituada cientificamente e atravessada, cortada, por meios de transporte e comunicação. Nesse momento a circulação é intensa e poderosa. A circulação vertiginosa de gente e de informação afirma novas maneiras de sociabilidades e modelam a funcionalidade do espaço urbano. Agora, definitivamente, o indivíduo é responsável pela organização social. Ele é o criador. O indivíduo controla a natureza e a técnica. Ele está no centro do universo científico.

Para citar apenas alguns autores que pensaram o “espírito do tempo” de uma determinada época começamos por Tönnies, na Alemanha do século XIX, que descreve a urbanização como a passagem de uma comunidade fundada nos laços de sangue para uma sociedade construída por lugares eleitos e de associações. Durkheim funda sua tese sobre a divisão social do trabalho, nos mostra a solidariedade da sociedade rural como mecânica e conceitua a solidariedade orgânica para as relações plurais que tínhamos nas cidades. Através desse autor vamos entender como construímos algumas interações a partir de contratos. Explica-se a sociedade contratual. Nesse momento das sociabilidades modernas podemos constatar que as formas comunitárias que são fundadas por sentimentos, afetividades e emoções compartilhadas cedem lugar a relações contratuais. As regras não são mais criadas no interior de uma comunidade, mas na autoridade exterior, na sociedade moderna, com seus códigos e leis.¹¹

Em relação às descobertas das técnicas a euforia era a marca da época. Em 1814 temos a locomotiva que corre a uma velocidade de sete quilômetros por hora, ainda muito cara para ser considerado um transporte comum na época, mas podemos afirmar que é nesse momento que começamos a correr de maneira cada vez mais veloz em direção a algo que nunca alcançamos, mas a modernidade prometia que teríamos: no futuro, um lugar seguro. A transmissão rápida do pensamento, das idéias, estava garantida pelo telégrafo elétrico. O vapor nos possibilitava navegar por mares distantes. Agora, finalmente, tínhamos ganhado a liberdade para construir a sociedade industrial moderna. Os fluxos do dinheiro e de operários garantiriam o progresso do mundo ocidental.

Porém, ao lado da euforia comprovamos que a circulação de técnica e ciência determinando a mobilidade do homem pode não ser tão eficaz para o processo de

¹¹ Sobre a questão de urbanização remeto ao Marcel Roncayolo. *La ville et ses territoires*.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



modernização do mundo. As guerras estão aí para comprovar um certo pesar no desenvolvimento da técnica e da ciência. Assim, certos aspectos, considerados, algumas vezes, como negativos para o desenvolvimento das nações sofrerão releituras pela cultura de massa no século XX.

A nossa história dos deslocamentos é marcante na cultura de massa do século XX. Experimentamos, de maneira intensa, a sensação de viajar, nos deslocar, sem sair da poltrona. E isso de modo cotidiano e dentro de nossas casas. Diante da televisão podíamos nos transportar para países distantes, ver e, de certa forma, viver em paraísos jamais imaginados. Os deslocamentos nesse momento podiam se realizar na imaginação e o corpo não precisava se mobilizar concretamente. A cultura de massa se aproveita dessa nossa estrutural característica de sermos nômades.

Edgar Morin¹² nos apresenta claramente os deslocamentos que foram promovidos pelos veículos de comunicação. Se pensarmos que diante da televisão ficamos passivamente imóveis estaremos sendo reducionistas. Nesse momento, da nossa cultura, os nossos sentidos estavam abertos a novas sensibilidades e formas de ver o mundo. Construimos e vivemos novos territórios. Até mesmo assistimos o homem pisar na lua. Logo a lua que era o lugar dos sonhos românticos o homem coloca seus pés e nós, telespectadores, ativamos nossa imaginação e nosso desejo de circular em terras estrangeiras. Nessa busca de novos lugares, redimensionamos algumas categorias conhecidas como, por exemplo, a de espaço.

Conquistamos novos lugares nas telas de vidro. Nessa tela de vidro da televisão, hoje já podemos falar em tela de plasma, a rapidez do mundo se transforma em imagens que nos transportam, em tempo real, até mesmo para o meio de uma guerra. O mundo todo, fragmentos de espaços se espelham na minha tela. Cidades, espaços, territórios circulam na minha mão pelo telecomando. Na explosão de signos já não compreendo os fatos diante do meu olhar.

Na tela de vidro, ou de plasma, assistimos a “telerrealidade” se realizar e o nosso olhar se transformar. O mundo me invade, me coloca como circuito num mundo em rede, sem limites e barreiras. Para Jean Baudrillard este fenômeno nos distancia de qualquer possibilidade de criarmos referências de um mundo material, concreto. É através de ordens de simulacros, que durante a história, nos afastamos dos referenciais de realidade.

¹² Edgar Morin. Cultura de massa do século XX.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Primeiramente a cidade, que era descrita em mapas desenhados por viajantes, nos permitia as perdas de rumo e o se encontrar em ruas inesperadas, em espaços nunca caminhados anteriormente. Seguíamos as lembranças de um viajante que teria passado por aquela mesma cidade, mas não sabíamos quando isso tinha acontecido e por quantas mudanças a cidade tinha passado até a nossa chegada. Em um segundo momento, com as reproduções precisas e as técnicas modernas e sofisticadas de mensuração espaciais os nossos deslocamentos ficaram seguros e numerados por estradas controladas por radares. Hoje, na contemporaneidade, a cidade de plasma se afasta completamente de uma possível construção de referência completa ou totalitária que o mapa moderno nos oferecia. Para Baudrillard perdemos a dimensão do local onde os fatos realmente acontecem.

Os computadores com seus múltiplos programas desenvolvem cidades nunca imaginadas. Podemos tirar um monumento daqui, uma praia de acolá, uma montanha de não se sabe onde e construir uma bela abertura de novela ou criar o cenário para um filme em película. É comum assistirmos a um filme como *A Praia*, com Leonardo de Caprio, e imaginar se a praia onde se desenrola o filme é realmente uma locação real, concreta, espacialmente alcançável ou fruto de criação de computadores. Afinal, hoje o espaço pode ser imaterial.

Continuamos, agora com a ajuda da alta tecnologia, a perambular por novos espaços e buscando pessoas estranhas para nos relacionar e interagir de diversas formas. Um desses espaços, com certeza, é o da internet. Mesmo depois de tantos anos de convivência com esse meio de comunicação ainda causa certa polêmica a questão da veracidade e profundidade das relações e interações existentes na rede de computadores, nos “chats”. Porém, o importante é que esse meio trouxe a todos a necessidade de repensar a efervescente questão da “rede”, tão importante para a compreensão das cidades contemporâneas. Estamos, de certa forma, com as redes da internet, revivendo as redes de amizades que se desenvolveram nos clubes revolucionários e populares do século XVIII. É bom lembrar que as redes evocam congregações, comunhões, mas também errância e prazer no encontro efêmero. O navegante que viaja no caminho desconhecido das redes procura a fusão comunitária.¹³

É claramente observável que estamos vivendo a mudança da mobilidade moderna para um outro tipo de circulação nas cidades.

¹³ Remeto à Michel Maffesoli. *O tempo das tribos*. Passim.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Zygmunt Bauman ¹⁴nos apresenta algumas categorias de espaços que deixaram de ser públicos na contemporaneidade de nossas cidades. O primeiro espaço não cível é exemplificado com a imagem do La Défense, em Paris. É um enorme vazio onde as pessoas passam apressadas para entrar em seus escritórios ou para pegar o metro. É apenas um lugar de passagem sem ao menos um banco simpático perto de uma árvore. Nesse espaço não vamos nos preocupar com a questão da civilidade, afinal não existe a menor possibilidade de interação. Aqui, no Brasil, talvez, pelo pouco que conheço de São Paulo, vejo o Memorial da América Latina como esse espaço não civil, sem interações. Mas ainda assim acredito em manifestações musicais acontecendo por lá.

No segundo espaço não civil para Baumam o habitante da cidade é o consumidor. Esses espaços estimulam a ação e não a interação. O autor cita George Ritzer para falar dos “templos de consumo”. A primeira afirmativa é que são ajuntamentos e não congregações, a segunda é que são conjuntos e não esquadrões e para finalizar diz que são agregados, não totalidades. Assim, vemos que para o autor o Shopping Center é o mito da solidariedade comunitária perdida e que jamais será encontrada. Já aqui no Brasil, no Rio de Janeiro, podemos encontrar prostitutas em plena interação com futuros clientes nas áreas de alimentação de um Shopping Center da zona sul carioca. Aqui, nesse espaço de circulação múltipla, olhares se cruzam, se reconhecem, diálogos se estendem entre um chopp e outro e assim pode acontecer um sentimento acolhedor e de pertencimento. Bubber

Ainda podemos ver com Baumam alguns outros espaços não civis. Temos os “não-lugares”¹⁵ como hotel, transporte público, aeroporto e estradas. Não estou querendo ficar marcando, pontuando de maneira exagerada a nossa diferença a partir um certo “localismo”, da nossa maneira particular de ser, mas é importante sociologicamente sentir os movimentos de circulação de gestos e idéias no que está próximo para dizer de um “espírito do tempo.” Assim, lembro que na época do natal os ônibus cariocas são completamente enfeitados e grandes festas acontecem durante o trajeto convencional diário. As pessoas que viajam diariamente naquela linha de ônibus são companheiros de trajetos, de circulação e comungam do espaço que se movimenta. Dá-se personalidade ao trajeto, de maneira afetiva e festiva.

¹⁴Zygmunt Bauman. Modernidade líquida.

¹⁵ Ver sobre não-lugares em Marc Auge. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Ainda temos os denominados “espaços vazios”. São os espaços sem significados, que não foram colonizados. No mapa mental que fazemos da cidade, por vezes, não incluímos alguns lugares que nos são recheados de significados. Eles podem ser os perigosos, sujos, feios, ou até mesmo os bonitos carregados de más recordações.

Estas categorias de “espaços públicos” não civis dispensam completamente a interação. Assim, sou obrigado a mais uma vez perguntar: como compartilhar a vida pública de maneira civilizada?

Uma das possibilidades de resposta a tal pergunta seria pensarmos de maneira mais atenta a questão do local. Com Michel Maffesoli podemos perceber que certos lugares produzem energia, identificação, um sentimento de pertença forte. O “gênio do lugar” é um sentimento coletivo que conforma um espaço. Para Maffesoli são lugares de convívio protetor. Essa valorização do território vai acentuar o nosso cotidiano banal, mas não ignora o nosso desejo de circular. Está surgindo um processo de resistência ao tempo que passa, à pressa da modernidade que nos levaria a um futuro certo. Estamos vivendo um reflexo de toda a história dos movimentos celerados da mobilidade moderna.

Não acreditamos que esse reflexo à celeridade seja apenas uma resistência a idéia de progresso desenvolvida “na modernidade clássica.” É um além quando forma novas formas de relacionamentos que poderemos chamar de comunitário. Um movimento que reflete toda a história dos deslocamentos modernos.

É certo que existe um novo corpo social em formação que sugere novas formas de conviver em sociedade, na cultura do cotidiano, e que nos faz repensar o nosso espaço de convivência no coletivo da cidade. Uma tentativa de vislumbrar o novo espaço que surge na contemporaneidade é na verdade pensar a possibilidade de se viver a sociabilidade sem o espaço moderno do civil, ao lado dos espaços vazios que foram produzidos na modernidade. Teremos que redimensionar a questão do vínculo social. As intensidades vividas nas relações cotidianas na cidade do Rio de Janeiro nos apontam para novas formas de sociabilidades tendo como base a interação simbólica como suporte. O novo vínculo social baseado na interação simbólica pode ser apreciado no que Michel Maffesoli define como “nomadismo comunitário”.

“As maneiras de ser e de pensar que poderiam ser qualificadas de confusas, flutuantes, de compostas ou, simplesmente, aventureiras, são, em nossos dias, amplamente vividas por



uma série considerável¹⁶ de marginalidades, tendendo a tornar-se o centro da sociabilidade em curso de elaboração.”

As ruas do Rio de Janeiro, de nossos dias, podem ser retratadas quase na mesma forma como Arlette Farge fez com as ruas de Paris do século XVIII. São ruas barulhentas, tumultuadas, desorganizadas. Em Copacabana, por exemplo, os camelos aos berros, vendem de tudo um pouco. A Avenida Nossa Senhora de Copacabana pode ser, contraditoriamente, alegre e assustadora. Lugar por excelência de misturas. É por onde circulam travestis, prostitutas, donas de casa, profissionais liberais, estudantes adolescentes, o povo negro das favelas em bandos. Nessa efervescência existe uma poderosa troca simbólica. Nesse bairro o real da diferença e a imaginação andam lado a lado. Existe uma tolerância e esse sentimento de tolerância é uma consequência ou reflexo da mobilidade moderna. Hoje não reconhecemos mais a força totalitária dos círculos fechados das instituições modernas e nos associamos em comunidades que respeitam a liberdade de espírito.

¹⁶ Michel maffesoli. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. P.61.

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Bibliografia

Arlette Farge. Vivre dans la rue à Paris au XVIII^{ème} siècle. Gallimard, 1992.

Guy Chaussinand-Nogaret. *La ville jacobine et balzacienne*. In: La ville des temps modernes: de la Renaissance aux Révolutions. (sous la direction d'Emmanuel Le Roy Ladurie). Paris: Seuil, 1998.

Marcel Roncayolo. La ville et ses territoires. Gallimard. 1990.

Edgar Morin. Cultura de massa do século XX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. Vol I e II.

Marc Auge. Não-lugares; Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, S.P. Papirus, 1994.

Michel Maffesoli. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Richard Sennet. O Declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. Carne e Pedra. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Zygmunt Bauman. Modernidade líquida.